

### Identificação do Objeto



**Número:** 84.047 (H)  
**Coleção:** Museu do Zebu  
**Categoria do Acervo:** Uso Profissional e Técnico  
**Classificação:** Objeto de uso profissional (montaria)  
**Título:** Paralamas de Couro  
**Data e Modo de Aquisição:** 23.03.1984 / doação  
**Código do Doador:** 0010  
**Data atribuída:** Segunda metade do século XX  
**Material e Técnica:** Couro, napa, corte e costura  
**Origem:** Uberaba  
**Conservação:** Bom  
**Dimensões:** 4,3 x 9,8 Cm

---

### Descrição e Dados Históricos do Objeto

O paralamas de couro é um acessório de montaria que integra o arreio, ou arnês, como designação de toda a estrutura que se veste em um cavalo para permitir uma cavalgada, um hipismo ou utilizar o cavalo para tração animal. Além desse item, o conjunto que forma o arreio é constituído da sela, estribo, antolhos, suador, bridão, pelego, cabresto, rédeas, armação, cabeçada, embocadura e a manta, ou, opcionalmente, a chebraica (espécie de manta militar que fica sobre a sela). Em comum com o arreio, a sela tem apenas o revestimento com couro cru, o enervo. A sela é uma estrutura de suporte amarrada ao dorso de um animal de montaria (cavalos, camelos, asnos etc.) onde se senta a pessoa que conduz. O seu tipo mais comum é apropriado para a montaria de cavalos, cuja invenção remonta a épocas anteriores à Era Comum. Os cavaleiros ibéricos no século III a.C, usavam selas feitas de lã, linho ou cabedal. São vários os modelos, sendo as mais comuns entre elas aquelas do tipo português, americano e inglês. A portuguesa é considerada a pioneira em uso no Brasil, sendo utilizada desde os primeiros tempos da colonização, quando foi trazida da Europa pelos portugueses. Mas foi a do tipo inglês que acabou prevalecendo, desde a conjuntura política e social que corresponde à época do bandeirantismo no Brasil e o desenvolvimento da pecuária no Nordeste. Portugal, como metrópole, tinha como principal parceiro comercial os ingleses, sendo comum a vinda desses artefatos para os núcleos de povoamento que foram surgindo no Brasil. É a sela mais difundida no mundo. As suas variações dominam os esportes equestres, são feitas em couro ou hoje em dia material sintético, tem uma armação rígida interna e são leves. As cavalarias militares e urbanas em quase todo o mundo adotam o tipo inglês, mesmo que não sejam de fabricação original. Um par de paralamas desse tipo foi doado ao Museu do Zebu por Laerte Rodrigues Borges em 23 de março de 1984. O objeto é todo revestido em confecção artesanal, feito em napa através de corte, tecido e costura em couro. Encontra-se em bom estado de conservação. Não possui marca registrada, sendo possível notar que sua procedência é de origem artesanal e remete provavelmente aos anos de 1950 a 1960, segundo estimativas. O doador possui laços com família tradicional na criação de zebu em Uberaba, sendo o tipo bastante usado em sua fazenda, onde os capatazes recorriam ao auxílio dos

cavalos para promover a vigilância e outros procedimentos relacionados ao rebanho. Achou por bem doar o item a essa instituição para que a memória da pecuária zebuína, incluindo todo o universo variado da vida rural nesse período, fosse preservada. Tal objeto, por esse motivo, possui relevância histórica para a conservação da memória da pecuária zebuína no Triângulo Mineiro.